

ANO VII • Nº 27 • JULHO - SET. 1973

GRITO NO NORDESTE

é enviado



"não é mole, companheiro,
mas juntos
vamos fazer!"

Í N D I C E

- REALIDADE SINDICAL E VIDA DO CAMPO	2
- O NOSSO SINDICATO	3
- OS PROJETOS DA A.C.R	5
- JESUS CRISTO NO MUNDO ATUAL . UM HOMEM LIVRE	6
LIBERTADOR DOS HOMENS	8
- JÁ ANALIZOU ASSIM A PROSTITUIÇÃO ?	9
- COMO A GENTE TEM VIVIDO NO CAMPO	11
- VIDA DO MOVIMENTO. ENCONTRO REGIONAL	14
PARADA DA EQUIPE CENTRAL	15
ENCONTRO DA REGIÃO DA CANA	15
ESTADO DA BAHIA	16
ESTADO DO CEARA	17
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE	17
ALAGOAS E SERGIPE	18
PERNAMBUCO - ZONA DA CANA	18
- AGRESTE, UM POVO EM FESTA	19
- NOTÍCIAS DIVERSAS	21

" GRITO NO NORDESTE "

Jornal da A.C.R (Animação dos Cristãos no Meio Rural) do Brasil.

Endereço : RUA DO GIRIQUITI 48 - Caixa postal 1968 - 50.000 RECIFE

Responsável: Padre José SERVAT e equipe Central da A.C.R.

Assinaturas : Preços mínimos

Camponeses	- assinatura anual	- Cr\$ 4,00
	- número avulso	- Cr\$ 1,00
Outros	- assinatura anual	- Cr\$ 5,00
	- número avulso	- Cr\$ 1,50

Aqueles que puderem, deverão ajudar mais, para melhor andamento do jornal. Quer acompanhar o pessoal que está se despertando no campo.

NOTA : O pagamento da assinatura pode ser feito por Vales Postais ou cheques Bancários (ou então, pessoalmente), em nome do Pe. José SERVAT, no endereço da A.C.R, acima.

ATENÇÃO : Quem não receber o jornal que pediu deve reclamar.

Serão considerados como desistentes, os que nuncam enviaram o dinheiro da assinatura e também, pelo menos, não nos disseram que queriam receber.

REALIDADE SINDICAL E VIDA DO CAMPO

Dois companheiros camponeses... Um já desanimou frente à dificuldade do trabalho e a fraqueza dos meios utilizados...

Mas chega o amigo... ele olha a tarefa e vê a situação do companheiro: "Coragem amigo... Vamos continuar. O que um só não pode fazer, vamos realizá-lo juntos". É imagem dum povo, duma classe fraca desunida que quer juntar-se e libertar-se.

AS NOSSAS PESQUISAS

Vocês recebem diversas pesquisas... são meios para nos aju-darno conhecimento da realidade...

Ver, olhar quase apalpar o que acontece, conhecer de verdade o que se vive. Tal é a finalidade dessas pesquisas.

Duma maneira geral, ficamos desconfiados frente a perguntas, a papeladas que devem ser preenchidas, frente a curiosidade de grupos e movimentos.

Para que tudo isso? O que querem fazer dessas informações?

Conhecer a realidade do sindicalismo no nordeste e no Bra-sil exige muitas condições. Especialistas de pesquisas, técnicos no assunto querem ajudarnos. Com eles podemos melhorar a nossa maneira de ver a realidade.

Para nos ajudar, os técnicos precisam de dados, de informa-ções, como observações, percentagens. Eles vão ligar tudo isso, me-dir, comparar; depois vão propor explicações: vão fazer aparecer situ-ações gerais. Dessa maneira, com os diversos aspetos descobertos, teremos uma visão geral da realidade sindical brasileira no meio rural.

Por isso todos os que podem devem ajudar na realização des-sa pesquisa. Assim daremos elementos que juntados permitirão conhe-cer a realidade toda, e poderemos ter matéria séria para pensar, refletir mesmo na Assembléia Geral do movimento A.C.R. e nos diversos en-contros que vão organizar-se nos diversos estados e dioceses.

Para que nós, camponeses e lavradores do Brasil possamos assumir os nossos sindicatos e torna-los o que devem ser: a voz do povo do campo e o meio de ação e pressão para poder conquistar no Brasil o respeito e os direitos que merece a classe camponesa.

N.B. Convidem os companheiros conhecidos para fazer essas pesquisas nos seus municípios; façam que cheguem o mais cedo possível até o 10 de outubro à A.C.R. - Rua do Giriquití, 48 - CP. 1968.
50.000 - RECIFE - Pernambuco.

O NOSSO SINDICATO

Faz uns anos, ao menos em alguns estados do Nordeste, o povo falava com muita esperança no seu sindicato. Essa instituição parecia abrir a possibilidade duma vida nova para o povo do campo que se agrupava e fazia uma primeira descoberta da solidariedade e da fraternidade da classe camponesa. O povo dizia: "*Pouco a pouco, tudo vai mudar... a gente unida é capaz de tudo.*" Os camponeses se encontravam nos domingos e nos dias de feira. Eles falavam nas dificuldades da vida, falavam dos salários fracos, muitas vezes não pagos pelos donos, conversavam com ânimo sobre a terra dada por Deus a todos os homens para que o camponês possa trabalhar, e dos casos botados na justiça...

Hoje, esses desejos parecem desaparecidos. Existem muitos sindicatos, mas a esperança morreu... O povo vai no sindicato para pedir, mas não fala mais e parece desconfiar de tudo e de todos. Mais uma vez, enganado nos seus desejos os mais profundos, a gente não acredita mais em nada.

UMA ESPERANÇA Será que o povo tem razão? Ele sonhou com um sindicato que *saiisse da gente mesmo, que nascesse das preocupações verdadeiras das pessoas do campo.* Era o sonho dum sindicato seu que resolvesse as suas dificuldades que a gente sente na própria carne. O povo queria que *desaparecesse a falta de liberdade* e que ele possa *tomar responsabilidade* nas soluções a dar aos problemas da sua classe. Assim o sindicato deveria ser a organização mais adaptada para ajudar o povo a dar uma resposta na vida aos desejos mais profundos do trabalhador rural brasileiro. Pela primeira vez, os homens dos sítios, dos povoados ou dos engenhos encontravam-se *solidários*, unidos nos mesmos sofrimentos, nos mesmos problemas, nos mesmos desejos de mudar tudo isso. Eles se sentiam *membros da mesma classe*. Juntos tinham orgulho de ser camponeses. Tomavam uma consciência sempre maior dos direitos da gente como direito de toda pessoa humana e se organizavam para conquistar juntos esses direitos.

É verdade que encontravam muitas dificuldades e muitos defeitos em nossa sociedade. Essa sociedade só dá valor aos homens de muitas posses, ao homem de muito saber, ao homem de muito poder. Quem não é dono, quem não é doutor, quem não é patrão é pouco considerado no Brasil de hoje, no povo, na política como na Igreja. A sociedade arrumada desse jeito atrapalhava a união da gente. A sociedade proibia que a gente virasse gente. Mas isso não acovardou nossa união. A gente sentia que a união dos pobres podia mudar alguma coisa.

O NOSSO SINDICATO HOJE Hoje o sindicato virou um *CENTRO SOCIAL*. O povo procura o "Senhor Presidente" para pedir o cartão do dentista e do médico, para assinar a papelada que vai dar a aposentadoria dos velhos... Os jovens, os que encontram dificuldades para trabalhar, para procurar terra, para ser respeitados são a minoria e quase não se tem mais tempo para ouvir as dificuldades deles. Quando tem gente grande misturado no assunto, as diretorias pregam a calma, e a conformação. Outras vezes a própria lei atrapalha a luta para conseguir os direitos sagrados a uma casa, uma terra, um trabalho, um salário justo. A própria lei não favorece a gente ter condições de saúde dignas dum ser humano, a gente poder tomar responsabilidade, aproveitar da escola e da educação porque não tem condições de vida física que prestem para quem não tem terra nem trabalho bom. As vezes até a organização da sociedade proíbe desenvolver a sua consciência de pessoa, aprender a trocar idéias com os outros pela leitura, pela escrita, pelas reuniões e outros meios.

O QUE SERIA SINDICATO DE VERDADE Existem trabalhadores que queriam *sindicatos vivos*, feitos de pessoas que todos os dias ficassem mais gente. Eles queriam pessoas que soubessem unir-se para pensar, descobrir as causas profundas das situações que esmagam o homem. Eles queriam gente unida com uma visão e um pensamento comum para reconstruir uma sociedade nova onde o homem seja o primeiro a ser valorizado e onde as coisas, a terra, as empresas, o dinheiro ficassem ao serviço de todos os que vivem nessa sociedade.

Assim poderiam desenvolver-se sindicatos que ajudem o homem a pensar, a ter idéias próprias, baseadas na realidade vivida, a tomar decisões para o serviço da classe. *É assim que as pessoas viram gente de verdade.*

Deveriam aparecer sindicatos permitindo à classe camponesa juntar-se para defender os seus direitos; sindicatos para organizar uma ação realmente libertadora das diversas pressões do camponês, sindicatos que vão permitir o surgimento nas massas rurais adormecidas, de grupos ativos, vivos, dinâmicos, construtores dum mundo novo, para unir-se a todos os outros grupos da sociedade e fazer juntos "essa terra nova na qual habitará a justiça" (2 Pe 3 13).

Os sindicatos deviam conquistar uma verdadeira Reforma Agrária dando condições de trabalho para todos os camponeses, uma Segurança Social para todos, salários certos que dêem ao trabalhador para viver etc... Mas o que apareceu foi o PROTERRA que é longe de corresponder à Reforma Agrária esperada, o PRORURAL que não basta. Os salários são sempre mais fracos e não acompanham a carestia da vida.

Assim o povo desanimou. O povo perdeu confiança no sindicalismo que não deu nenhuma vitória para gente. Assim os sindicatos tornaram-se *simples gabinetes com funcionários* onde os camponeses vão procurar o papelzinho que dá direito a tratar da saúde. E a grande esperança da classe trabalhadora desapareceu. Mais uma vez confirmou-se o pensamento da grande massa do povo: "Nessa terra, as coisas continuam como estão, não se pode fazer nada".

OS PROJETOS DA A.C.R. O Movimento A.C.R. quer conhecer a situação atual da realidade sindical camponesa no Nordeste e no Brasil todo, se possível. Por isso, três instrumentos de observação se encontram nesse número de "Grito no Nordeste". Esses instrumentos são três pesquisas que pedimos de fazer aos nossos leitores e amigos. Se vocês quiserem, estudando as perguntas e respondendo, teremos informações bastante importantes do Brasil todo.

Organizem um grupo para realizar juntos esse trabalho.

A Pesquisa Nº 1 é a principal. Ela vai dar a conhecer a situação do sindicato no nosso município. Pode ser feita por toda pessoa ou grupo de pessoas que conhecem o município.

A Pesquisa Nº 2 pode ser respondida pelas pessoas que se que rem cristãos de verdade, na vida de todos os dias o que pensam que se pode viver o Evangelho na realidade da vida sindical. Reflita com seus amigos e diga o que pensa.

A Pesquisa Nº 3 é uma simples entrevista a fazer com ao menos 30 pessoas do município, mas com pessoas de idade, sexo, social e consciência diversas.

A entrevista pode ser *copiada* e feita com os diversos grupos de pessoas que se encontram no meio rural.

O resultado dessas pesquisas depois de juntadas vai nos dar um conhecimento mais certo da realidade do sindicalismo no meio rural. Na Assembléia Geral do Movimento "Animação dos Cristãos que vivem no Meio Rural" (A.C.R.) poderemos estudar a fundo e comparar com os diversos estados do Brasil. Assim descobriremos juntos o que deveria ser a verdadeira participação no sindicalismo rural de hoje de *camponeses conscientes* e que procuram viver o Evangelho verdadeiro em todas as realidades da vida.

Antes de tudo, isso exige a sua resposta às pesquisas contidas neste jornal. É necessário também a sua participação à vida e ao desenvolvimento do "Grito no Nordeste". Se você acha que o jornal vale, escreva ao nosso endereço, dizendo o que pensa, criticando para nos ajudar, dando notícias, contando acontecimentos, situações, experiências, enviando a sua assinatura e a dos seus amigos e de pessoas interessadas.

JESUS CRISTO, NO MUNDO ATUAL

As reflexões que seguem, querem nos ajudar

- a conhecer mais Jesus Cristo
- a descobrir a maneira de continuá-lo no mundo de hoje, sobretudo em nossa responsabilidade nas organizações como o sindicato e outras.

JESUS CRISTO, UM HOMEM LIVRE

"Frente às situações e aos poderosos do tempo, Jesus Cristo se tornou um homem livre ou não?" (Exemplo do Evangelho).

- Ser livre não é fazer tudo que passa pela cabeça. É a gente se comprometer sabendo o que faz. Isso exige informar-se, dialogar, decidir, sabendo libertar-se quando sofre as pressões dos diversos grupos (Marcos - 12. 13-17: "Tributo de César", até da família (Lucas - 8. 19-21)).

- Ser livre é *ir até o fim do caminho escolhido* ("O jovem Rico" - Lucas - 18. 23. "Ainda te falta uma coisa...").

- Jesus veio para *dar testemunho da verdade, curar as cegueiras dos homens, abrir os olhos dos cegos* ("O cego de nascença": João - 9. 1-41).

- Isso exige ficar sem medo frente aos sábios, frente à família (Lucas: 2. 41-50), frente à multidão (Marcos - 10. 46-52), de manter-se lúcido e forte frente às tentações dos bens materiais, do poder, da glória (Ver: "As tentações de Jesus" - Mateus 4. 1-10; e Lucas 4. 1-13).

- Jesus sabia que ia ter que desmascarar a mentira dos poderosos (João - 18. 19-24) e que isso ia *por em perigo a própria vida*. Mesmo amarrado, ficou altamente livre (Mateus - 26. 57-68: João - 19. 9-11).

- Sabendo de tudo isso, Jesus não desistiu, ficou firme no propósito.

ERA UM HOMEM LIVRE

- O medo das consequências não o fez desviar. Quando soube que eles iam matá-lo, não desanimou. Prosseguiu e aceitou livremente a morte, porque era um homem livre (Mateus - 26. 52).

- Foi assim que enfrentou a *raiva* dos traficantes no templo, jogando-os fora do lugar Santo (Mateus - 21. 12).

- Dominou a tentação da violência cega dos amigos que queriam defendê-lo com a espada (Mateus - 26. 51-52).

- Libertou-se do espírito estreito das leis que são feitas, antes de tudo, não para prejudicar o homem, mas para servi-lo (Lucas - 13. 10-17; Marcos - 3. 1-6).

- Não aceitou as castas sociais e as condenações das pessoas porque pertencem a tal ou tal grupo social. Chama os publicanos, os pecadores, como os fariseus (Marcos - 3. 1-6), entrou na casa de Zaqueu (Lucas - 19. 1-10), deu valor a pessoas condenadas pela sociedade (Samaritana - João 4), mulher adúltera (João - 8. 3-11).

- Enfrentou os bajuladores do rei Herodes (Lucas - 22. 8-11).

- Afastou a tentação de se tornar chefe poderoso (Marcos - 10. 35-41; João, 6-15).

- Aceitou a morte da Cruz.

- Jesus era um Homem Livre.

"Na visão de Cristo, o que é ter poder e tomar decisões?" Ver: Marcos - 10. 35-45; e João - 13. 1-18).

Nos dois textos podemos bem perceber que, para Jesus, ter poder é tornar-se servidor dos outros. "Não veio para ser servido, mas para servir".

Ser livre, ser responsável - É plano de Deus e vocação de todos os homens.

Cada pessoa deve descobrir na sua consciência, a sua própria fonte de libertação. É essa mesma consciência que indica o que sou, qual é a minha vocação, o que tenho que fazer nas diversas situações da vida.

Em visão de Jesus Cristo, o homem é feito para viver numa comunidade humana, para *servir*, dar-se aos outros. Para isto deve olhar, ouvir, aceitar os outros, entregar-se como irmão.

Esse serviço de cristão para com os outros está enraizado na aceitação do amor de Cristo na sua vida. Livrementemente, o cristão vai viver para servir, para amar de maneira verdadeira. Partindo das condições humanas, da vida da *carne* com suas possibilidades e limites, ele vai atingir, com a graça de Deus, a vida do *Espírito*. Essa última vida é essencialmente baseada na fé em Jesus Cristo, na certeza da ajuda de Deus para continuar a obra libertadora de Jesus Cristo. Isso exige paradas, reflexão sobre o mistério de Jesus, oração. Dessa maneira, o homem, na obra de transformação e de libertação do mundo, se torna livre por amor, continuador de Jesus Cristo no mundo de hoje (Ver: Epístola de São Paulo aos Galatas - 5. 13-26; e Romanos - 6. 15-23).

JESUS CRISTO, LIBERTADOR DOS HOMENS

Jesus Cristo é nosso libertador. Ele veio para libertar o homem todo e todos os homens, isto significa libertar opressores e oprimidos. Por isso não rejeitou os opressores, mas sempre que se lhes dirigiu foi para exigir deles justiça e mudança. Deu preferência e se comprometeu com os oprimidos, mas também exigiu destes uma mudança. A exigência do evangelho é a de a gente se tornar um homem novo. Claro que para isto é necessário mudar também a sociedade atual e construir uma sociedade nova. Quando a terra está velha e cansada, não procuramos outra para plantar ou não colocamos adubo para que ela se torne forte e jovem? Como então vamos viver uma vida nova se não mudamos também as estruturas e instituições?

É importante a gente notar que Jesus Cristo para nos libertar, antes de tudo libertou-se do espírito estreito das leis que deviam ser feitas, não para prejudicar o homem, mas para servi-lo. Jesus Cristo não aceita as castas sociais e as condenações das pessoas porque pertencem a tal ou tal grupo social, mas chama tanto pecadores e publicanos, como farizeus, mais ainda, dá valor às pessoas condenadas pela sociedade como foi o caso da Samaritana e da Mulher Adúltera. Além disso, Jesus Cristo denunciou as injustiças, as dependências, a exploração, as forças que esmagam o homem. Finalmente Ele anunciou um mundo novo, o reino de Deus, e diz que este mundo novo já começou aqui na terra.

Aqueles que participaram do último encontro regional, descobriram que a sociedade atual é constituída de camadas. Os homens não vivem livres. Poucos dominam. Muitos são dominados. Os mais fracos estão em dependência dos mais fortes. Há opressores e oprimidos. Esta situação de opressores e oprimidos existe no seu lugar, no município, no estado, na região, no país e no mundo. Mas Jesus Cristo quer e já começou algo novo. Um homem novo e uma sociedade nova. Já fizemos uma grande descoberta que foi a necessidade duma conscientização libertadora dentro duma perspectiva evangélica, onde a realidade primeira seja a vida do homem do campo. É preciso então agir, se comprometer com os mais pobres que são os oprimidos, vencer o acanhamento, aceitar em ir nas casas, nos lugares onde não queria ir, confiar nos companheiros, perder o medo, sair do conformismo, deixar a cegueira, animar os companheiros, ser responsável, lutar contra todas as opressões. É dessa maneira que a gente continua a obra libertadora que Jesus Cristo já começou. É dessa maneira que vamos construir um mundo mais humano e mais justo.

É preciso ajudar o povo a descobrir e valorizar,

- O que ele tem e não sabe que tem

- O que ele sabe e não sabe que sabe

- O que ele pode e não sabe que pode

a TOMAR EM SUAS MÃOS

- a sua própria RIQUEZA

- o seu próprio SABER

- o seu próprio PODER

E FAZER TUDO ISTO VALER E RENDER

JÁ ANALIZOU ASSIM A PROSTITUIÇÃO?

No Norte e Nordeste, existe atualmente mais de cinquenta cidades onde funciona um serviço voluntário junto às vítimas da prostituição. Aqui, no Recife, este serviço tem personalidade jurídica, foi registrado em cartório, chama-se MOVIMENTO DE PROMOÇÃO DA MULHER e tem a seguinte particularidade: sua criação foi uma consequência de um trabalho, que ainda continua, junto a empregadas domésticas.

Para explicar melhor as condições e objetivos deste serviço, vamos observar um caso concreto: só mudamos o nome da pessoa, por respeito para com ela.

Olegária, por mais esforços que faça para se lembrar, não tem a menor recordação dos pais. Só pode dizer que, com a idade de 5 anos, já estava trabalhando numa casa de família em Teresina (Pi.), bem cedo aprendeu os serviços de casa: arrumações, lavar e engomar. Não tinha folga, vivia trancada, maltratada.

Com 10 anos, sua situação piorou: as filhas da família inventaram de lhe ensinar as letras; o horário das aulas era à noite, depois dos serviços. Olegária não podia prestar atenção, só tinha era vontade de dormir: ela apanhava por suas faltas de aplicação.

Com 13 anos, descobriu que tinha uma tia em Fortaleza; conseguiu o endereço e fugiu de casa: foi trabalhar, escondida, num outro bairro, o tempo suficiente para arranjar o dinheiro da passagem para Fortaleza. Ela foi bem acolhida pela tia. Tendo mais liberdade, começou a namorar. Mas não deu certo: o rapaz a deixou, depois de ter aproveitado da situação. Tornou-se angustiada, com complexo de culpa. A tia percebeu que estava diferente, Olegária confessou que não era mais virgem. A tia respondeu que procurasse um outro lugar, pois "não queria rapariga dentro de casa."

Passou a morar com colegas, que a levaram, por divertimento, numa casa de prostituição. Iniciou, então, uma vida de andanças: Natal, Campina Grande, João Pessoa. Agora, com seus 30 anos, Olegária encontra-se numa pensão do Recife, com saúde fraca (vesícula, nervos abalados), analfabeta, sem condições para enfrentar a vida, velha antes da idade, sem confiança em si, ela, uma pessoa meiga, atenciosa, desejosa de ser alguém.

Você reparou? A mesma pessoa, desde criança, ficou explorada pelos outros, de início nos trabalhos domésticos, depois na prostituição; mas todo o tempo no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Existe um problema *nordestino* da prostituição: quase que não se encontra nenhuma sulista, nas casas de prostituição do Nordeste; ao passo que são milhares, as nordestinas, entre as vítimas da prostitu

ição no Rio, São Paulo, Santos, Campinas etc., além das que estão aqui na região.

Por que Olegária tinha tanta ânsia de namorar? É claro: precisava desfrutar os anos de infância sem alegria, sem afeto; procurou apoio junto da tia, do namorado, das colegas. Mas encontrou o quê? Mal conseguiu livrar-se da exploração do trabalho precoce, pago só com castigos, e logo caiu na escravidão da prostituição!

A tia teve pena da bichinha que tinha fugido da casa dos patrões: ela não teve a menor compaixão da sobrinha, vítima do rapaz sedutor. A exploração do trabalho torna o homem desumano com seu semelhante; o tabu do sexo torna a própria família desumana com suas filhas, irmãs, sobrinhas. Por conta disso, mocinhas ou mulheres jovens estão botadas para fora de casa, como nem cachorros: elas ficam marcadas, a vida inteira.

Por que Olegária foi trabalhar tão cedo na casa dos outros? Será que seus pais tenham morrido? Ou será que houve separação, e a filha não podia ficar nem com a mãe, nem com o pai? Talvez ainda, aqueles patrões fizeram muitas promessas aos pais: "Deixem a menina conosco: na cidade, ela poderá aprender muitas coisas, a gente tomará conta dela e quem sabe, mais tarde, ela poderá até ajudar vocês." Veja, entre seus vizinhos e conhecidos, se não encontra casos desta natureza: são milhares neste Nordeste afora.

E agora, o que fazemos, com Olegária e suas inúmeras colegas? Antes de tudo, queremos aceitá-las como são: nossas irmãs, filhas de Deus, como nós. Cristo foi que nos ensinou a ir ao encontro das pessoas menos favorecidas, até condenadas pela sociedade, e tratá-las fraternalmente. Procuramos sua amizade, indo visitá-las, até no horário de seu trabalho, ou recebendo sua visita a qualquer hora, mesmo quando acompanhada de um "amigo"; fazemos questão, também, que encontrem os nossos amigos despertados sobre o problema, que as tratarão, por sua vez, com o devido respeito: tudo isso para que descubram que SÃO GENTE.

Nas conversas e reflexões sobre acontecimentos, estimulamos suas atuações e iniciativas, principalmente na solidariedade entre elas, para que sejam AUTORAS DO SEU PRÓPRIO CRESCIMENTO. Não queremos tirar sua vez: temos cuidado que tudo o que se faz no Movimento, seja para elas, com sua colaboração e responsabilidade: até podem participar das reuniões e decisões da equipe.

Uma coisa que muita gente não entende: não andamos procurando "tirá-las daquela vida". Sabemos que, por hora, é seu único meio de sobrevivência e de seus filhos. Estão vivendo assim, porque na região, não há trabalho para todos, principalmente para mulheres. E se tivesse trabalho, elas deveriam, primeiro, capacitar-se para tal, se-

ição no Rio, São Paulo, Santos, Campinas etc., além das que estão aqui na região.

Por que Olegária tinha tanta ânsia de namorar? É claro: precisava desfrutar os anos de infância sem alegria, sem afeto; procurou apoio junto da tia, do namorado, das colegas. Mas encontrou o quê? Mal conseguiu livrar-se da exploração do trabalho precoce, pago só com castigos, e logo caiu na escravidão da prostituição!

A tia teve pena da bichinha que tinha fugido da casa dos patrões: ela não teve a menor compaixão da sobrinha, vítima do rapaz sedutor. A exploração do trabalho torna o homem desumano com seu semelhante; o tabu do sexo torna a própria família desumana com suas filhas, irmãs, sobrinhas. Por conta disso, mocinhas ou mulheres jovens estão botadas para fora de casa, como nem cachorros: elas ficam marcadas, a vida inteira.

Por que Olegária foi trabalhar tão cedo na casa dos outros? Será que seus pais tenham morrido? Ou será que houve separação, e a filha não podia ficar nem com a mãe, nem com o pai? Talvez ainda, aqueles patrões fizeram muitas promessas aos pais: "Deixem a menina conosco: na cidade, ela poderá aprender muitas coisas, a gente tomará conta dela e quem sabe, mais tarde, ela poderá até ajudar vocês." Veja, entre seus vizinhos e conhecidos, se não encontra casos desta natureza: são milhares neste Nordeste afora.

E agora, o que fazemos, com Olegária e suas inúmeras colegas? Antes de tudo, queremos aceitá-las como são: nossas irmãs, filhas de Deus, como nós. Cristo foi que nos ensinou a ir ao encontro das pessoas menos favorecidas, até condenadas pela sociedade, e tratá-las fraternalmente. Procuramos sua amizade, indo visitá-las, até no horário de seu trabalho, ou recebendo sua visita a qualquer hora, mesmo quando acompanhada de um "amigo"; fazemos questão, também, que encontrem os nossos amigos despertados sobre o problema, que as tratarão, por sua vez, com o devido respeito: tudo isso para que descubram que SÃO GENTIS.

Nas conversas e reflexões sobre acontecimentos, estimulamos suas atuações e iniciativas, principalmente na solidariedade entre elas, para que sejam AUTORAS DO SEU PRÓPRIO CRESCIMENTO. Não queremos tirar sua vez: temos cuidado que tudo o que se faz no Movimento, seja para elas, com sua colaboração e responsabilidade: até podem participar das reuniões e decisões da equipe.

Uma coisa que muita gente não entende: não andamos procurando "tirá-las daquela vida". Sabemos que, por hora, é seu único meio de sobrevivência e de seus filhos. Estão vivendo assim, porque na região, não há trabalho para todos, principalmente para mulheres. E se tivesse trabalho, elas deveriam, primeiro, capacitar-se para tal, se-

não encontrariam novos fracassos. Ora, para capacitar-se, é preciso acreditar em si. Uma das nossas atenções prioritárias é fazer com que adquiram confiança em si.

Outra parte da nossa missão: fazer refletir a sociedade, os grupos e as Igrejas sobre nossas responsabilidades na existência da prostituição; se todos nós, Padres, Pastores e comunidades fôssemos mais cristãos, não haveria esta marginalização das vítimas da prostituição. Pois, elas é que levam, sczinhas, a culpa daquela vida, os homens, não, é justo?

Quer dizer: aqui está um aspecto da vida, no qual estamos todos convidados a lutarmos juntos para um mundo mais justo e mais fraterno.

COMO A GENTE TEM VIVIDO NO CAMPO

ZONA DA MATA

A vida do homem na zona canavieira é muito difícil. O campo-nês continua sendo explorado, desrespeitado e injustiçado. Quando reclama seus direitos é tido por agitador. Se ganha uma questão, o patrão paga quando bem entende. Diante disso, que devemos fazer? Que atitude tomar?

Vamos contar alguns fatos ocorridos nestes últimos dois meses na zona da cana. Eles devem ajudar a gente pensar, discutir e entender melhor a vida nesta região. Eles devem ajudar a gente a descobrir uma saída. Como vamos enfrentar esta situação? Como vamos ser "Luz, Fermento e Sal" dentro desta realidade? Como podemos viver o evangelho nesta situação? Eis os fatos:

- 1º FATO: Na terça-feira dia 24 de julho de 1973, saiu no Diário de Pernambuco a seguinte e triste notícia: *"Luta por terra deixa um saldo de 4 mortes. MACEIÓ (Do correspondente) - Por questões de terra, uma luta travada ontem na Fazenda São Carlos, em São Miguel dos Campos, resultou no saldo de quatro mortes, figurando dois menores entre as vítimas. Tudo começou quando o administrador da propriedade, Sebastião Agostinho, 38 anos, procurou o agricultor João da Silva, 34 anos, exigindo que ele desocupasse as terras. João da Silva morava na fazenda há cinco anos, juntamente com a mulher e dois filhos menores. Possuindo pequena lavoura de feijão e mandioca, ele explicou ao administrador que não poderia ir embora, já que teria, assim, enorme prejuízo. Partiram para discussão e em certa altura, João revoltado, afirmou que incendiaria tudo. INCÊNDIO. Horas depois, Sebastião Agostinho voltou a casa do agricultor para dar-lhe o ultimato.*

Ao observar que João saíra com a esposa para o campo, o que costumava fazer todas as manhãs, o administrador da fazenda resolveu atear fogo na casa. O incêndio, em poucos minutos destruiu a residência, carbonizando as duas crianças que se encontravam no interior. Ao regressar, João e a esposa encontraram apenas os escombros da casa e os corpos dos garotos transformados em tochas humanas. Encolerizado o lavrador fez um juramento de vingar a morte dos filhos. Saiu em busca de Severino que se achava em frente da casa-grande da fazenda. Ao avistá-lo, puxou uma faca e investiu decidido. O administrador entretanto, estava armado de revólver. Os dois travaram violenta luta corporal ao término da qual ouviram-se alguns disparos. Em seguida os dois corpos tombaram ao solo. João da Silva ainda foi conduzido com vida para o Hospital dos Usineiros mas, faleceu quando era levado a mesa de operações. Sebastião que morreu no local, teve seu corpo transportado para o necrotério público de Maceió."

2º FATO: Na região de Igarassú, foi dado um prazo de 60 dias para vender o gado, animais domésticos, cavalos, etc, por ordem do doutor Odon, gerente da Usina São José, de Igarassú:

- Terminou o prazo, mas o povo não vendeu...
- Na primeira quinzena de julho disseram que os bichos só poderiam ser criados na cocheira. Amarrado no terreiro, o animal deve ser preso pelo vigia para ser colocado no curral da usina. O dono pode procurá-lo depois e pagar trinta cruzeiros. O povo com medo, não sabe procurar os seus direitos.

3º FATO: O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Igarassu enviou no dia 20 de junho de 1973 o seguinte ofício ao Sr. Dr. Romildo Leite, Delegado Regional do Trabalho em Pernambuco: "Senhor Delegado: Pela presente estou comunicando a V. Sa., que fomos procurados pelo trabalhador do Engenho Piedade o Sr. JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS, para resolver um problema sobre planta de Bananeiras do mesmo, onde foi plantada 27 (vinte e sete) pés de bananas, e a Usina arrancou, então eu fiquei em dúvida, porque a Usina(digo) a Gerencia não mandou que o mesmo assinasse nenhum documento proibindo de plantar, então entrego o caso a V.Sa., para ver o que pode ser resolvido. Certo do atendimento de V.Sa., aproveito a oportunidade para desejar os melhores votos de felicidades. Atenciosamente, (a) Severino Correia de Amorim. Presidente".

4º FATO: Ocorrido na propriedade Torto, na região de Vitória de Santo Antão:

- Há três anos a questão está na justiça porque o patrão queimou a cana do camponês e o sindicato tomou alguma providência,

- Depois de três anos houve o despejo do trabalhador.
- Sem o camponês ter sido indenizado, o patrão foi com dois oficiais de justiça, destelhou a casa do camponês (levando logo as telhas), jogou tudo, que havia dentro de casa, na rua. Estava chovendo, as crianças doentes, a mulher em casa e o esposo trabalhando bem longe. Depois de destelhar a casa e jogar as coisas na rua, cortou o bananal do trabalhador. A mulher pedia que ele esperasse o esposo chegar para providenciar lugar para colocar os moveis. O patrão chamava a mulher de besta e dizia:- "Não lhe prendo porque não é seu marido, se fosse seu marido prendia agora mesmo". A mulher disse: "Apesar de tudo eu confio na justiça de Deus". Mas ele respondeu: "Cale-se besta, Deus manda no céu. Na minha terra quem manda sou eu, e acrescentou: Cadê o advogado do sindicato. Ele está enrolando vocês". Agora a família encontra-se nas pontas das ruas e etc.

MATAPIRUMA - Dez meses depois dos acontecimentos.

Temos poucas notícias dos nossos amigos camponeses do engenho da morte. Presos e foragidos voltaram a ser livres logo que o processo entrou na justiça civil. Mas não foram recolocados no trabalho na cana de açúcar. Uns querem ser indenizados porque não tem mais condições para viver nesse engenho onde sofreram e morreram irmãos. Espera-se as decisões da justiça que devem dar os direitos a todas as pessoas injustiçadas. Devem dar direitos... Mas, no Brasil pode haver surpresas sobre esse ponto.

O rendeiro do engenho que provocou todo o acontecimento até agora nunca foi preso apesar das decisões da justiça. Parece que está muito bem relacionado.

Matapiruma Palavra que sempre vai lembrar a violência dos poderosos e a coragem dos fracos, que consciêntes e unidos poderiam mudar o mundo.

REFLEXÕES SOBRE ESSES ACONTECIMENTOS

Por que acontecem tais fatos na zona da Mata? Por que o povo parece considerar como situação normal, que aceitam muitas vezes, situação inumana, que impede o homem de se tornar gente?

- Uns pensam que por direito que vem de Deus podem possuir tudo, mandar, castigar, destruir, roubar o fruto do trabalho dos outros: acham que só eles podem colocar a seu serviço as leis, as polícias e todos os recursos duma sociedade organizada.

- Outros, adormecidos numa maneira de viver que destrói os valores profundos do homem, conformam-se, aceitam, subsistem até ir ao céu,

onde pensam encontrar o que lhes faltou na terra. Sabem muitas vezes / que isso não é vontade de Deus, mas o que fazer? Para não apanhar mais, para não perder tudo vivem" como sapo debaixo do pé do boi." Nem morrem nem vivem, mas ficam presos em tais condições pela organização da sociedade que não permite realizar sua vocação: uma vida livre e responsável.

- Alguns começam a abrir os olhos, descobrem que não são bichos. Descobrem que são gente e que devem viver como gente, querem ser respeitados, querem exigir os direitos humanos. Apoiando-se sobre a legislação trabalhista que existe, não aceitam a violência da organização tradicional. É por isso que nascem conflitos que vão se acentuando entre os que descobrem que são oprimidos e os que são aproveitadores e responsáveis por esta situação.

Isso terminará quando leis realmente justas, feitas em função do bem das pessoas e não do lucro das empresas, reconhecerem os direitos humanos, direitos naturais e universais, de toda pessoa que vive no Brasil, sem essa divisão entre minoria rica e massa faminta. Senão, todo conflito, um dia ou outro será resolvido na violência.

O que fizemos para ajudar os nossos companheiros a tomar consciência da situação e dos direitos humanos? Como nos organizamos para conquistar os nossos direitos? Para, ao menos conhecer e fazer aplicar as leis que já existem e que são feitas para vocês aproveitarem?

VIDA DO MOVIMENTO

ENCONTRO REGIONAL DE MAID

O nosso encontro de 20 a 27 de maio com delegados das dioceses foi dividido em duas partes. Na primeira fizemos uma revisão e planejamento de trabalho, na segunda parte houve três dias de aprofundamento / na fé.

Partimos do encontro de Novembro do ano passado, no qual descobrimos que os homens não vivem livres. Uma pequena minoria domina e uma grande maioria é dominada. Os mais fracos estão em dependência dos mais fortes. Descobrimos que a sociedade é constituída de camadas uma em cima da outra.

Na primeira parte do encontro vimos o que estamos fazendo, como e porque fazemos? Descobrimos a necessidade duma conscientização libertadora numa perspectiva evangélica onde a realidade primeira seja a vida do Povo. Descobrimos ainda um novo método para encontros de animadores. Escolhemos um, dos vários temas apresentados, para a próxima / pesquisa: "Sindicato, organização, posição diante da classe". Planejamos por região, aquilo que pretendemos fazer depois desse encontro.

A segunda parte do encontro constou de três dias de aprofundamento na fé, com a finalidade de encontrar Jesus Cristo em todos os setores da vida e de viver as descobertas feitas na nossa realidade: na casa, na família, no trabalho, na roça, etc. Nesses três dias, estudamos a figura de João Batista como profeta que denunciou injustiças e anunciou o Reino de Deus. Vimos que Jesus de Nazaré é uma Pessoa enviada pelo Pai para pregar o Reino de Deus a todos os homens. A exigência para fazer parte do Reino é a conversão de cada um de nós. Esse reino é como a semente, o fermento e a luz. É uma realidade viva, que cresce, transforma as pessoas e o mundo e abre os olhos dos homens mudando-lhes a visão e o comportamento. Descobrimos que queremos ser colaboradores de Deus na construção de um mundo mais livre, de homens consciêntes dos seus direitos e deveres.

Terminamos com uma avaliação do encontro e uns compromissos pessoais que leva a uma conversão mais profunda e a uma proximidade maior a Jesus Cristo.

PARADA DA EQUIPE CENTRAL - julho - 1973

Os membros da Equipe Central do Movimento, encontram-se no mês de Julho, para:

- . rever a situação no meio rural e a atuação dos Sindicatos;
- . rever como cada membro da Equipe se situa no Movimento;
- . prever os encontros futuros e
- . assegurar mais os caminhos a seguir na maior vivência em busca do Evangelho na própria equipe e no meio dos amigos camponeses.

Depois de constatarem a *fraqueza do Sindicato* hoje, tentaram elaborar uma pesquisa a fim de ajudar a descobrir a verdadeira situação do sindicalismo no meio rural.

Uma outra pesquisa foi elaborada, tentando fazer um levantamento da presença e ajuda do movimento no meio rural. Esta pesquisa ajudará na preparação do grande encontro de 28 de outubro a 4 de novembro próximos.

ENCONTRO DA REGIÃO DA CANA - junho - 1973

Para alegria nossa, nesse encontro numa região difícil como a zona da cana, participaram representantes das regiões de Palmares, Ribeirão, Vitória de Santo Antão, Carpina e Igarassu.

Partimos da preocupação de alguns camponeses pela situação do Sindicato, que está na dependência dos poderosos. Descobrimos que

o Sindicato precisa ser imprensado. Devemos insistir, gritar, apertar e exigir que o sindicato reivindique os nossos direitos. É preciso olhar não para o dinheiro dos opressores, mas para o crescimento verdadeiro do homem.

Apesar de haver, na zona canavieira, camponeses conformados que aceitam aquilo que o dono quer, há também aqueles que pensam diferente. Estes últimos sentem-se responsáveis pelos companheiros e querem lutar contra as forças que esmagam o homem.

A fome, o maior sofrimento dos oprimidos e a dominação sempre aumentando, são algumas das consequências dessa situação onde nós, homens da cana, vivemos hoje.

No fim, planejamos alguns encontros em cada região, para preparar um novo encontro, onde desejamos aprofundar mais o problema do Sindicato.

ESTADO DA BAHIA

O enorme estado da Bahia está sempre desenvolvendo a sua agricultura, a sua indústria sobretudo na região de Salvador, Feira e a zona do petróleo. Nasce também uma atividade turística. Um de nós visitou uma grande parte do Estado para conhecer a situação do campo e saber o que fazem tantos amigos conhecidos há muitos anos.

O povo do campo fica sempre na mesma situação. Venda e preços crescentes do açúcar, do cacau, da agro-pecuária não melhoraram a existência quotidiana das massas trabalhadoras que não aproveitam a produção sempre maior. O cacau vende-se como nunca se vendeu: donos trocam de carros, viajam, refazem casas na cidade e as fazendas... mas o salário do que trabalha fica sempre pior com o aumento acelerado do custo de vida. Tais as regiões de Itabuna, Ilheus. O mesmo fato existe na região do fumo, da fruta, no Recôncavo baiano (São Felix, Muritiba, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus). A criação do gado aumenta sempre em qualidade e quantidade: Itapetinga, Itambém, Vitória da Conquista, Jequié. Isso economicamente é bom. Mas nós devemos sempre nos interrogar: como o homem do povo, como a massa dos baianos do campo aproveitaram de tal situação?

Nas diversas regiões visitadas aparece a marginalização das massas rurais sempre mais numerosas e sempre mais sofredores. São marginalizados, são colocados a margem do progresso atual e da riqueza multiplicada. Uma pequena minoria aproveita de tudo. Os outros produzem, servem de instrumentos para alguns ganharem. Sindicalismo e organizações profissionais do povo são quase inexistentes. As experiências partilhadas no meio rural não se multiplicaram muito.

Bahia: é o único estado do nordeste onde o movimento não se desenvolveu. Sabemos que são os baianos mesmos, camponeses, padres que podem e devem assumir. Pessoas dos outros estados podem visitar, contar experiências, ajudar uma vez ou outra, fazer aproveitar duma experiência de oito anos que despertou centenas de animadores, dezenas de padres e religiosas. Podemos e queremos ajudar: mas os baianos eles mesmos podem desenvolver uma pastoral rural, uma evangelização na vida como a animação dum movimento realmente nas mãos dos leigos do campo. O que acham cristãos da Bahia?

CEARÁ

Visitamos os amigos da Diocese de Limoeiro. Eles também passaram por dificuldades, desanimaram, perderam a confiança neles mesmos. Responsabilidades importantes no sindicalismo e em diversas organizações absorveram o tempo dos mais crescidos no trabalho da A.C.R.

A turma encontrou-se, refletiu e descobriu que não tinha verdadeiros motivos de parar. Esperamos que a turma vai recomeçar e multiplicar-se. A boa vontade não falta nem na turma dos camponeses, nem na equipe que anima a diocese.

RIO GRANDE DO NORTE

MOSSORÓ: A diocese de Mossoró não participou do encontro estadual em Ponta Negra. Mas os nossos amigos foram visitados e ajudados por alguns membros do movimento. Sempre, nos sítios e nas pequenas propriedades continuam se encontrando agricultores despertados há anos no tempo dum movimento rural que foi muito grande.

Mas, a boa vontade dumas pessoas e a ajuda da pastoral diocesana poderá fazer renascer os esforços de reflexão e de uma ação muito maiores nessa terra do Rio Grande do Norte.

ENCONTRO ESTADUAL EM PONTA NEGRA

Os animadores do campo e padres do Estado do Rio Grande do Norte com uns amigos da Paraíba e de Pernambuco encontraram-se três dias para pensar juntos nos esforços de Evangelização, no meio rural do R. Grande do Norte. O ponto de partida do trabalho desses dias foi o fato da inconsciência do povo do campo. Muitos fatos mostraram que duma maneira geral as pessoas *não se reconhecem como gente*. Por que isso? A turma interrogou-se, descobriu a situação das condições de vida, a organização injusta da sociedade que conhecemos e que impede o homem tornar-se gente. A colonização, a história do Nordeste, as dependências econômicas atuais, uma religião e um sentido da pátria são utilizados mais para manter opas

sado do que para refazer um mundo humano. Reflexões e celebrações foram busca da presença de Cristo na caminhada atual do povo nordestino, de Cristo sempre crucificado, como de Cristo ressuscitado e libertador.

As massas rurais continuam conformadas, adormecidas, aceitando tudo, sem esperança... no Rio Grande como no Nordeste todo. Mas, nessa massa, como sinal do futuro, algumas pessoas aparecem com uma visão mais certa das coisas e o desejo de agir para que as coisas mudem. Infelizmente, em geral são boas vontadas individuais, pouco numerosas, mas irão multiplicar-se e tornar-se nova esperança para o povo. Outra pergunta refletida foi esta: Existe uma classe camponesa verdadeira? A discussão foi grande, mas constatou-se que até agora não existe classe verdadeira, isto é, grupo de pessoas bem consciêntes, organizadas, atuantes preocupadas de tornar as massas rurais mais consciêntes e de mudar as situações que mantem a miséria do povo.

Como os cristãos vão ser o fermento nessa evolução do meio rural?

Estudou-se a reorganização do movimento A.C.R. no Estado; despertar mais grupos nos vários lugares, fazer diversos encontros. Todos os anos procurarem realizar encontros de 3 dias em cada diocese e um encontro estadual. Deverá nascer e se organizar uma verdadeira equipe estadual, com um padre, que aceite de ajudar duma maneira especial, para coordenar o Trabalho do Movimento no Estado.

ALAGOAS E SERGIPE

Encontraram-se padres e leigos para refletirem juntos sobre o valor de cada pessoa humana qualquer que seja sua condição. Vimos que o valor não depende do que a pessoa tem, nem do jeito que ela usa para resolver os problemas, mas vem de Deus, Criador e Pai da humanidade. Todo homem é gente desde o seu nascimento, quer dizer, já tem direito ao alimento, ao estudo, à saúde; e tem que viver como gente com as riquezas do mundo que Deus entregou nas mãos dos homens todos. Depois da reflexão continuou com a seguinte pergunta: Sabendo que somos gente, ainda mais filhos de Deus, como podemos imitar a Jesus, servir como Ele que deu tanta dignidade a cada homem? Todos voltaram para casa, satisfeitos deste novo encontro, felizes de conhecerem mais outros amigos. Então, quando será o próximo encontro que permitirá, como esse, de participar, de fazer perguntas de ter idéias?

PERNAMBUCO

Zona da cana. Na zona da cana podemos constatar concretamente que o homem não tem desejo de permanecer nela. O desejo é sair para

procurar melhores dias para si e sua família. Conversando com um dos colegas, dizia ele que ser assalariado no trabalho da cana é triste. / Triste, não porque o trabalho mata, mas sim porque não existe amizade entre os trabalhadores e a administração do Engenho ou Usina. Dizia, tivemos um companheiro que trabalhava conosco tirando tarefa. Passou a ser cabo, que quer dizer o medidor da tarefa para a gente. Mas, acredite, a partir desse dia começou a nos explorar e nos odiar porque só assim corresponde ao desejo dele e do patrão. Cria uma diferença entre nós e ele. Isso acontece muito em nosso meio assalariado. Desta maneira continua o desentendimento entre os trabalhadores e a administração do Engenho ou Usina.

Apesar de haver leis que nos falam dos direitos dos trabalhadores, quando nós exigimos algum destes direitos, somos jogados fora do emprego e caluniados de comunistas e subversivos. Vejamos um fato: trabalhei três anos em um engenho. Durante dois anos me pagaram o décimo terceiro, pela metade. No terceiro ano de trabalho, ouvi falar pela Rádio e nas reuniões do Sindicato, que o décimo terceiro era um salário completo. Então, quando procurei receber meu décimo completo, fui suspenso do emprego. Desta maneira foram de encontro comigo, até que me tiraram do emprego. Me pagaram um certo dinheiro e eu fiquei desempregado. O mais incrível não foi perder este emprego aonde trabalhei / 3 anos diretamente, mais incrível é que não tenho mais condições de arranjar trabalho nos engenhos vizinhos. Por que? Porque vivo doente? Não. Por que sou preguiçoso? - Também não. Por vingança do patrão-Sim.

Como vivemos neste mundo assalariado sem cristianismo entre os homens, é uma interrogação. Tenho oito filhos, comigo e a mulher / somos dez. Moro em cima de meio hectare de terra. Não é possível sem terra ou sem salário, a vida caminhar!

Apesar de tudo isto, tomamos consciência de que esta situação é contra a Lei de Deus. Porque Deus disse no Evangelho: "que o trabalhador é digno de seu salário, e mais: Deus criou a terra a serviço / de todos os homens. Porisso, devemos sentir na carne esta necessidade de dispor da terra.

UM POVO EM FESTA

Entre as coisas que fazem parte da vida de nosso povo, da nossa própria vida, a festa ocupa um lugar muito importante. Daí, em qualquer povoado em que a gente more, em qualquer cidade em que a gente habite, haver um ou vários dias de festa.

O QUE SIGNIFICAM ESSAS FESTAS:

Quase sempre as festas significam uma fuga. A fuga do dia a

dia de trabalhos e sofrimentos. É o tempo de esquecer a vida dura que se carrega e assim encontrar alguns momentos de alegria. Se não houvesse festa de vez em quando a vida seria um trabalho sem descanso, uma coisa só, do começo até o fim. A festa é então um pulo para fora da vida de sempre em busca de alguma coisa melhor, de alguma coisa mais interessante. É por isso talvez que para uma festa muitos gastam o que tem para se alegrar, para sair da vidinha de sempre.

O QUE MAIS AS FESTAS PODEM SER:

Sendo a busca de alguma coisa melhor, a busca de mais felicidade as festas podem dizer, podem acordar no coração dos homens o desejo e a procura de um mundo novo. Elas podem acordar as pessoas para coisas que ainda não acontecem no mundo de agora, não acontecem na vidinha de todos os dias. Para os que têm esperança as festas podem até anunciar o que futuramente vai acontecer: um novo mundo em que os homens serão de fato irmãos, em que Deus vai realizar a sua obra suprema: a exaltação definitiva dos pequenos, dos pobres deste mundo de agora. Mas, para que uma festa possa chegar a isso é preciso que a maneira dela ser feita facilite a descoberta de tudo isso.

O QUE ACONTECEU EM TACAIMBÓ:

Tacaimbó - cidadezinha do agreste de Pernambuco - tem também o seu dia de festa. É a festa que reúne toda comunidade e que para ela todo povo se apronta, é a festa de Santo Antonio, no mês de junho. Até o ano passado, parece que a festa de Santo Antônio não dizia nada de novo, não fazia aparecer nada daquele mundo novo que falamos acima. Pois, aqueles que na vida de todos os dias eram grandes e importantes encontravam na festa mais força de aparecerem maiores e mais importantes: e aqueles que eram pequenos e desprezados na vidinha de sempre, na festa, se descobriam menores e mais desprezados. Ora, isso é o contrário da obra que Deus vai realizar um dia, é o mundo oposto à vontade de Deus; o mundo contrário ao Reino de Deus que vem. Esse ano porém parece que foi diferente: em vez da pobreza (conjunto dos pobres) ficar assistindo de longe o que o dinheiro dos ricos podia fazer, desta vez, os pobres organizados em muitas comissões, fizeram a festa não pelo dinheiro que tinham mas pela união das pessoas de boa vontade. Se nas outras festas os pobres só serviam para fazer um mandado ou carregar um peso, nessa participaram de tudo: nas comissões, na organização, no leilão, nas decisões, na alegria geral. Se antigamente só pessoas de destaque pegavam no andor, esse ano todos pegaram. Se antigamente haviam cordões que faziam aparecer em público as pessoas mais piedosas num lugar de destaque (farisaísmo...) esse ano foi todo mundo misturado, todos formavam um só povo em marcha atrás de Antônio (sua imagem) que nesse mundo abriu o caminho novo do evangelho.

Essas e muitas outras coisas pequenas fizeram da festa uma ocasião dos pequenos se sentirem felizes, dos desprezados se sentirem gente e assim anunciar um mundo diferente pelo qual todos os dias gememos como uma mulher em dores de parto até que ele venha. (Rom. 8, 19-25). Ao que parece alguma coisa do Evangelho de Jesus apareceu em tudo isso e muitos despertaram no seu coração aquela esperança que está dormindo no coração de muitos homens: a esperança de um mundo novo, de uma humanidade nova.

Depois da festa um pedreiro agricultor dizia: "Com essa festa nós se levantemos, eu mesmo me levantei e não quero mais cair, cada vez mais eu quero subir, me levantar".

NOTÍCIAS DIVERSAS

Padre José Tournier voltou e quer continuar trabalhando com o meio rural. Vai começar com um companheiro na Paraíba.

Padre Carlos de Beco está passando uns meses na terra dele, a Bélgica. Deu notícias e quer saber o que acontece no Brasil com todos os seus amigos da cidade como do campo. Eis o endereço: Père CARLOS DE BECO. Carmel de SOIGNIES. BELGIQUE.

Casamentos - Casaram-se dia 29 de Junho os amigos Abel Bernardo de Lima com Francisca Alves Monteiro. Celebrou-se também no dia 21 de Julho, na Diocese de Mossoró (RN), o casamento de Nicolau e Conceição. Estes jovens casais são uma esperança na construção de uma sociedade nova. Fazemos votos que vocês sejam um sinal e fermento dentro da comunidade onde vocês vivem.

Nascimentos - Nasceu, no dia 16 de junho, a menina Maria Rosilene, filha de Maximino e Carmelita, do município de Vitória (Pe). Parabens a eles.

- Nasceu também, no dia 2 de julho, Helder Cristiano Bezerra da Rocha, filho de Zé Pedro e Eliane, animadores da região de Palmares. Parabens ao casal.

Batizado - Foi batizado no dia 10 de junho, uma filha de Manoel Raimundo e esposa, de Palmares. Foram padrinhos: Zé Pedro e Eliane.

Minas Gerais - "Espero possa crescer e continuar a fazer o bem no campo do apostolado do renovado: um apostolado que vive a libertação e a promoção do homem, especialmente o mais necessitado".

Amazonas - "Na certeza de continuar a receber o GRITO, faço votos que nesse Nordeste quente e seco a Igreja consiga instaurar, cedo ou tarde, uma vida digna da pessoa humana".

Piauí - "...É preciso ter coragem de reconhecer que a questão social não se realizará com uma árvore de natal, nem o problema da fome, com peditórios. O pobre, o doente, o perseguido, tem uma sede confusa de se reencontrar; de ter consciência de que é um homem como os outros e que tem o direito de viver".

Ceará - "Quero dizer que o GRITO NO NORDESTE, orienta o camponês e este ano recebi por duas vezes, e se possível mande-me o próximo número logo que apronte".

Rio Grande do Norte - "O movimento aqui em Mossoró está quase parado, eu não sei o que hei de fazer".

Paraíba - "Terminamos os dois encontros que nos deixou com muita esperança. Os participantes foram pessoas de regiões diferentes".

Pernambuco - "Ultimamente fizemos um dia de estudo com 14 leigos da Paróquia, os quais caminham com esforço e vontade de melhorar... Valeu a pena também alguns contactos que tivemos antes com o pessoal do sindicato".

- "Venho pedir-lhe que considere, cada dia, mais abertas as portas desta Diocese sertaneja aos trabalhos da ACR e nos ajude a implantá-la em nossas Paróquias".

Sergipe - "Apesar dos obstáculos como o senhor já sabe, mas sempre estou trabalhando a maneira de fermento".

Goiás - "Aqui no nosso Goiás é outro mundo; é o mundo do gado, do fazendeiro, da grande extensão de terra. A Igreja do Concílio ainda falta nascer. É coisa do futuro, A Diocese de Ipameri faz um pequeno esforço, mas falta pessoas com experiência. É preciso tempo".

GRITO NO NORDESTE - 3 de agosto de 1973

Responsável: Pe. José SERVAT e equipe Regional da ACR - Caixa Postal 1968 - Recife.